



N.º 95 — LISBOA, 3 DE NOVEMBRO

2.
ANO
904

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se às quintas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois d' publicado 40 reis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 32 num. 13000 rs. || Brazil, anno 32 numeros..... 25500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. || Estrangeiro, anno, 32 numeros... 13800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 33

DIA DE FINADOS



— Todos lá em casa, bem? Papá, mamã, tudo bom, não é assim? Por seu marido não pergunto, porque já sei que... morreu...

O Jornal e o Retrato

Desde quando é que os jornaes diarios começavam a apparecer illustrados?

Não o sabemos.

Ha pouco tempo ainda desconhecia-se o jornal diario illustrado. Mas um dia appareceu nas columnas de um jornal, uma feia carantonha representando um faccinora que matara uma mulher á facada. Logo a outro occorreu representar por uma carantonha igual — a mulher. Logo a outro — a faca.

Assim tiveram origem nos jornaes portuguezes — os retratos.

Anteriormente, só o *Diario Illustrado* fazia excepção á regra, segundo a qual os jornaes eram desprovidos de todo o interesse artistico. O *Illustrado* era o unico jornal portuguez que dava á estampa o que o publico, na sua velha tendencia de simplificação, chamava — bonecos.

Mas os bonecos do *Illustrado* não eram ainda — o retrato. O *Illustrado* só julgava dignos d'essa consagração o chefe do Estado, sua esposa e os grandes homens do partido regenerador, como Fontes, Andrade Corvo, etc. Fóra d'isso, os bonecos do *Illustrado* eram, por via de regra, velhas gravuras em madeira representando ora um castello nas Cevennas, ora um figurão de barbas, que umas vezes era Carlos Magno, outras vezes Godofredo de Bouillon.

Veiu, entretanto, a hedionda gravura chimica e os jornaes, que já tinham sufficientemente consultado o publico, intercalaram definitivamente nas suas columnas — o retrato.

Comtudo, o retrato nos jornaes continuou a ser considerado uma forma affrontosa da gloria, para conquistar a qual era preciso fazer alguma coisa bem antipathica. Vir nos jornaes, em effigie, era, em rigor, estar n'um poste de ignominia. Os assassinos e os ladrões tinham esse privilegio. Abria-se o jornal e se lá vinha um retrato, já se sabia o que era: era um novo crime.

Um dia, porém, appareceu n'um jornal um retrato que não era o de um criminoso. O individuo objecto d'esta distincção, ficou vexado, o publico ficou surprehendido, mas o pre-

cedente estava aberto, e o jornal inaugurou a era das consagrações sympathicas pelo retrato.

Mas assim como até então era preciso fazer alguma coisa de bem antipathico para alcançar a gloria do retrato no jornal, assim, a partir de então, foi preciso fazer alguma coisa bem meritória para o merecer. Os jornaes entenderam e muito bem, que não se divulgavam physionomias vulgares e que era necessario possuir algum titulo singular para ter o direito de ser conhecido em effigie. Raro apparecia portanto um rosto novo nos jornaes, porque raro é o advento das grandes personalidades. Os jornaes eram parcos. Fiscalisavam a gloria alheia e só concediam os favores da sua publicidade illustrada ás glorias de primeira classe. Para vir em retrato, no jornal, era preciso, pelo menos, ter descoberto a America.

Era este o regimen critico, rigorista, severo, quando um dia um jornal se abalançou a estampar o retrato de um morto da vespera. Estava aberto o precedente, e todos os jornaes o seguiram. Estabeleceu-se que para aspirar á gloria do retrato, no jornal, não era já necessario fazer alguma coisa estrondosa, mas simplesmente e docemente — morrer. No entanto, os jornaes não renunciaram á sua austera função critica e assim como fiscalisavam os vivos, fiscalisavam os mortos. Só os mortos illustres tinham direito ao retrato e as columnas dos jornaes foram um pantheon.

A celebridade pelo retrato ficava assim sendo o privilegio da gloria legitima, quando, uma manhã, os leitores de jornaes foram surprehendidos pela effigie de um figurão que não tinha feito coisa alguma grande em vida e que não se tinha dado sequer ao trabalho de morrer.

Tem-se visto o que succede quando se prohibe a entrada de uma porta a uma multidão que quer romper? Foi o que succedeu ao jornal.

Logo que o primeiro passou, passaram outros, e a breve trecho, o que era uma vantagem concedida a alguns, passou a ser um favor concedido a muitos. Meio mundo entrou, e, finalmente, como já não havia meio de impedir uma tão impetuosa invasão de turba-multa — entrou toda a gente.

Os jornaes começaram por estampar effigies de genios subalterrios, depois as de individuos representando

actividades inferiores, por ultimo as de desconhecidos, e foi uma sopa economica de celebridade, um bode de gloria.

Abre-se o jornal — E' o Almanach de Gotha da multidão.

Os inconvenientes d'esta publicidade indistincta são facéis de vêr.

Concedendo a todos o que só é justo dar a alguns, o jornal abdica da sua acção critica. O que fica sendo? Um instrumento de vaidades. Por outro lado, a sua influencia perde-se: que o jornal nos inculque amanhã uma gloria solida, entre tantas glorias improvisadas, e nós não a tomaremos a serio.

Por outro lado, servindo todas as vaidades á discrição, o jornal desenvolve o charlatanismo, cria os adventicios, incha a sociedade de impostores e intrusos. Uma sociedade que se habilita toda ella a andar em effigie nos jornaes é, dentro em pouco, toda ella — uma insupportavel comedia. Perde a medida do seu genio, da sua capacidade, das suas aptidões e, desmedidamente, — incha. Onde é que encontraremos, dentro em pouco, em todo o Portugal, um homem que simplesmente nos faça umas botas?

Os jornaes andariam bem, a nosso vêr, em reduzir a sua galeria de retratos quando muito, aos grandes homens garantidos pelo *Diario do Governo*. E já não teriam pouco que fazer.

JOÃO RIMANSO.

Uma mulher para a defeza

Os jornaes publicam o retrato de Madame Stoessel, mulher do general Stoessel, e que tanto se tem distinguido, ao lado de seu marido, na defeza de Porto-Arthur.

Um d'esses retratos representa, sobre uns fortes hombros, uma forte cabeça de olhar energico e fronte espacosa, com duas largas entradas e — pormenor verdadeiramente varonil — cabello curto.

Compreende-se desde então muito melhor, que Madame Stoessel esteja tanto á vontade em Porto-Arthur e coopere tão bravamente na sua defeza. E' que, segundo os retratos divulgados pela imprensa, Madame Stoessel, que tem muitos pontos de semilhança com o sr. ministro da justiça, não é uma mulher. — E' um homem.

E' um homem disfarçado em mulher do general Stoessel, para tornar mais commovente a defeza de Porto-Arthur.

E', n'uma palavra, o que se chama uma mulher — para a defeza.

Ramalho Ortigão no Porto**e algumas razões de Lisboa**

No seu discurso pronunciado por ocasião da inauguração do monumento de Soares dos Reis, em Villa Nova de Gaya, Ramalho Ortigão assinalou o facto das vereações do Porto condecorarem as ruas com «denominações, datas, acontecimentos e personagens» que o escriptor (a quem pedimos desculpa de não chamar *eminente* para não o confundir com a turba multa dos que já são conhecidos por este qualificativo) difficilmente conjuga com a historia fundamental da cidade, e de lamentavelmente esquecerem para esse effeito, os letrados, poetas e artistas que mais eminentemente a serviram e honraram.

E Ramalho Ortigão enumera:

«Garrett, que ainda não tem o seu projectado monumento; João Pedro Ribeiro, o mestre de Herculano e o iniciador dos modernos estudos historicos; o padre Agostinho Rebello da Costa, o historiador da cidade; Camillo Castello Branco, que foi o romancista da moderna sociedade do Porto, como Eça de Queiroz o foi da sociedade de Lisboa; Arnaldo Gama, o grande erudito regional; o enternecido novellista Julio Diniz; o grande poeta lyrico Soares de Passos; e, para não alargar muito este rol dos esquecidos, o admiravel pintor Silva Porto», etc.

Ramalho Ortigão, afinal, como todos os artistas nacionaes, escriptores ou outros, não faz senão assinalar a intellectualidade das classes preponderantes da nação.

Não é em rigor ás camaras municipales do Porto, que elle se refere. E' ao paiz.

O Porto esquece-se de recordar nas suas ruas os genios litterarios e artisticos que alli tiveram o seu berço; mas o que succede em Lisboa?

Em Lisboa, o engrandecimento material da cidade, tendo coincido com um grande numero de bairros novos e ruas novas, permittiu que as vereações recordassem, aqui e ali, um ou outro homem de letras, artista, poeta; mas tão certo é que as idéas de arte e cultura occupam um logar mesquinho no espirito das classes dirigentes, que mesmo ao prestar-lhes essa homenagem, as vereações não lhes concederam senão um logar secundario.

As novas avenidas e novas ruas de Lisboa são consagradas á Carta Constitucional. A Litteratura e a Arte, essas, estão em beccos e travessas.

Ao abrirem-se os novos, grandes arruamentos que conduzem ao Campo Grande, fez-se uma Avenida.

Que nome lhe deram?

O nome de Fontes.

Procuram-se, porém, os genios litterarios do tempo d'este grande ho-

mem constitucional. Onde estão? — Estão aos lados, em estreitas ruas correndo para a Avenida Fontes, como pequenos affluentes para um grande rio. Lá está Andrade Corvo, n'um desvão da gloria fontista; lá está Pinheiro Chagas, em outro.

A actividade intellectual para as vereações do Porto, como para o paiz, é uma forma secundaria do trabalho colectivo. A que chamamos nós, por exemplo, servir o paiz? Servir o paiz é servir-o — na repartição. Os grandes homens de Portugal são quasi todos, mais ou menos, mangas-de-alpaca.

Quando, morto um homem, o paiz verifica que elle não foi, pelo menos, primeiro official, logo o relega para um segundo plano, e só por bonhomia e tolerancia o admite á esquina de alguma humilde e dissimulada rua.

As vereações do Porto são omisssas, mas as de Lisboa são exorbitantes. No Porto esqueceram-se de dar uma rua a Soares de Passos, que se não tivesse outros titulos para a merecer, teve, pelo menos, o de morrer. Em Lisboa, deram uma avenida ao sr. Ressano Garcia, que nem isso fez. Lisboa está por tal forma enfeudada ás glorias liberaes, vivas e mortas, que se amanhã lhe fizessem doação da velha praça da Grêve, da antiga praça da Revolução, n'uma palavra, da Praça da Concordia, toda vibrante dos rumores da Historia, Lisboa não hesitava: punha-lhe logo este nome — *Praça do Conselheiro Hintze Ribeiro*.

**DOGMAS E DOGMAS**

Não agradou a opinião de Tolstoi, segundo a qual Shakspeare é um massador.

Comtudo, quantos bocejos tem sublinhado, pelos tempos fora, a obra d'esse genio sublime!

Não importa!

Tolstoi pronunciou uma heresia, que lhe ha de sair cara, porque não é só em materia religiosa que ha dogmas. Tambem ha dogmas em materia litteraria. Toda a gente tem o direito de se aborrecer diante dos massacres do theatro shakspeareano, mas não ha o direito de o proclamar, sob pena de excommunhão, e a excommunhão em materia litteraria põe o homem immediatamente fora não do gremio da litteratura, mas da propria intellectualidade.

A excommunhão litteraria reduz as suas victimas á cathegoria de quadripedes.

Quem quer affrontar semelhantes responsabilidades?

Quem quer ser — um burro?

Poucos tem essa coragem.

Teve-a o velho russo. Saudemo-lo senão pela exactidão das suas vistas, pela sua bravura,

O fumo.

As taxas alfandegarias;
Os direitos de consumo;
As mil alcavalas varias;
Todas as leis tributarias;
Rendem menos do que o fumo.

Comprar por grosso e vender;
Emprestar a juro o *maco*;
Bons predios na baixa ter;
Tudo isto é menos que ser
Contractador do tabaco.

Apenas o que me escapa,
Entre calculos reaes
De que vou fazendo mappa,
E' se o officio de Papa
Renderá menos ou mais!

Mas ha quem diga, á supaca,
Quando está de bom humor
Nas suas funcções á Lapa...
Que dava a mitra do Papa
Para ser contractador.

Emfim, eu não sou doutor
Nem mesmo cá no meu burgo
Cheguei a ser regedor...
Mas sei que um contractador
Na finca é thaumaturgo.

Emfim, p'los calculos meus,
Ou mais fortes ou mais fracos,
Esses senhores judeus,
Sem ser por graça de Deus,
São todos reis dos tabacos

Não me espanta essa abastança
De tanta fortuna louca...
Pois, n'esta época que avança,
Já nasce muita creança
Com o charuto na bocca!

**Os pães de cal****e o problema da alimentação**

A inspecção dos serviços sanitarios analysou o mez passado um pão, onde reconheceu existir 37 % de cal.

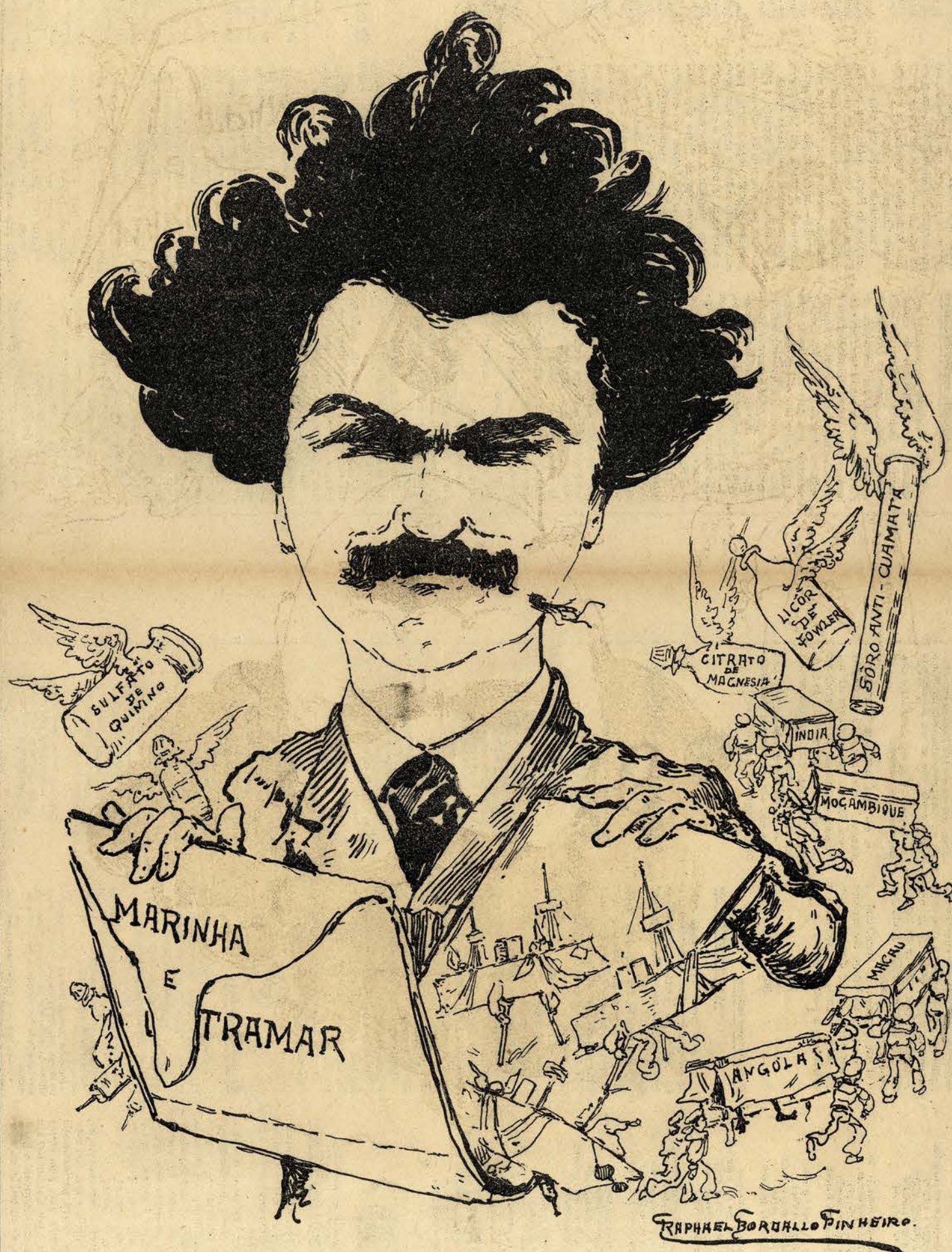
Esta noticia passou desapercibida na enumeração das analyses feitas na mesma inspecção, durante os mezes de julho, agosto e setembro. — Não vimos que os jornaes, que, comtudo, se referem a tanta coisa, se referissem especialmente a ella, sequer para a considerarem tão interessante como o discurso do sr. Arroyo.

No entanto, esta noticia é interessantissima. — Ella mostra-nos que o problema da alimentação em Portugal está em parte resolvido — pelos pedreiros.

Se nós não fizermos homens fortes, nenhuma outra nação os fará. Os nossos são, ou sel-o-hão — de pedra e cal.

Estomagos que absorvem sem protesto 37 % de cal, n'um simples pão de patato, não são estomagos — são paredes mestras.

O NOVO GOVERNO (II)



Ministerio da marinha e ultramar

Triste verdade.

Sei que manqueio em prosodia,
Mas peço aqui a palavra :
— Possa a Maria Custodia
Encaixar n'esta *Parodia*
Versinhos da sua lavra.

Nos tempos que andando vão,
Dando gloria á patria luza,
As damas de distincção
Largam a agulha da mão
P'ra se entregarem á musa.

Sei que a *Parodia* é papel
Nascido para a chalaça ;
Mas permitam que, a pincel,
Eu trace aqui o painel
Da mais horrenda desgraça !

Tanto japões como russos
Vão morrendo aos mil e mil :
Cáem de costas, de bruços,
Uns dão ais, outros soluços,
E tudo estica o pernil !...

Quem põe os olhos no espelho
D'aquella negra *yindima*.
Diz, mettendo o seu bedelho,
Que só fica quem fôr velho
De noventa annos p'ra cima !...

Grito contra essas tirannas
E salchicheiras chacinhas...
E já disse ás minhas manas :
— O que hade ser das russianas
E japonezas meninas ?!!

Praguejo com afoiteza ;
E já disse ao meu prior
No intervalo d'uma reza,
Que isto de ser japoneza
E' despedir-se do amor !...

Não ! não qu'ria ser das russas,
(Meninas, a qual mais guapa
Desde o nariz ás dentuças...)
Nem co'as duas carapuças
A de rainha e a de Papa !

M. C.

**Pede-se a batota legal, em nome****do socego das familias**

Os jornaes pedem a regulamentação do jogo e já um d'elles estabelece que d'esta forma se garantirá o socego das familias.

Não sabemos bem como isto seja.

Em todo o caso, supponho que seja assim : regulamentado o jogo, a familia do Cabritinha, por exemplo, sabendo que elle foi «um bocadinho á batota» já não estará em sustos, como d'antes, pensando se a policia terá feito a rusga á batota e se Cabritinha terá sido preso e remetido ao tribunal, com o dinheiro da batota e as cadeiras da batota.

Sob o regimen da regulamentação, a sympathica familia a que nos estamos referindo estará perfeitamente socegada sabendo que, pela batota regulamentada e por Cabritinha, seu freguez, velam sollicitamente o Estado, o governo, as auctoridades, a policia.

Não temos outra maneira de comprehender o socego das familias pela regulamentação, a não ser que, regulamentado o jogo, o Estado se comprometta a fazer ganhar os jogadores que tenham familia, dando-lhes sociedade ou—palpites.

N'este regimen de favoritismo, a macaca seria o privilegio dos orphãos de pae e mãe, isto é d'aquelles que, não tendo familia, não levassem o desasocego a parte alguma.

**Organisação militar****dos partidos liberaes**

Ao tomar posse do seu novo lugar de governador civil de Santarem, o sr. barão do Teixeira, declarou-se «velho soldado do partido progressista».

O systema liberal tem uma tradição ghefreira, o que faz com que os seus partidos imaginem que estão ainda organizados militarmente.

D'ahi, senão a função militar — o calão militar.

Os individuos d'esses partidos são os seus soldados.

Sentam praça.

Militam nas suas fileiras.

Tomam parte em campanhas—parlamentares.

Sobem a *marechaes*. Ha os *marechaes* do partido progressista, como ha os *marechaes* do partido regenerador.

O director espirital d'estes partidos é—o *chefe*.

Obedece-se ao *chefe*, acatam-se as ordens do *chefe*.

Em toda a parte os partidos se distinguem pela solidariedade. A' solidariedade, os partidos chamam—disciplina.

Os dois partidos defrontam-se ? — Defrontaram-se as duas *hostes*.

**Sacerdocios e roleta**

O Dia conta, a proposito da passagem de Lucinda Simões pela Povo do Varzim com uma *troupe* de artistas, a seguinte aneddotica, que está, segundo parece, na tradição palhofeira do theatro em provincia :

« Succedeu que em certa tarde calmosa se juntaram em torno da roleta, entre outras pessoas, um rotundo abbade e uma notabilissima actriz. A actriz perdia, o padre encavava... »

Joguinho manso, mas certo — no par e no impar, nas aproximações, etc. E a certa altura, Lucinda não se conteve deante da sorte medonha do abbade, e de repente exclamou :

— Safa ! Isto para vossa reverencia é melhor que a Senaga Santa !

O padre acquiesceu, empolgando o dinheiro, e, como n'essa altura saísse o «dezesete», em que elle pela primeira vez acertara em cheio, respondeu com um risinho doce, batendo com os nós dos dedos na banca :

— Dezesete ! E cá está o sabbado d'Alleluia, minha rica senhora !

E eis aqui para que Christo resuscitou ! — Para que mil e novecentos annos depois, um sacerdote da sua religião, apontando no dezesete, em uma casa de batota de Villa do Conde, exclamasse, batendo com os nós dos dedos na banca :

— Cá está o sabbado da Alleluia ! Se isto não dá vontade de renunciar a endireitar o mundo !

**GUITARRA DA PARODIA****MOTE**

Encostei-me á camp'a fria
E perguntei:—estás ahi ?
Uma voz me respondeu,
Eu cá espero por ti.

GLOSA

Ia a noite em mais de meia,
Dormiam os filhos de Eva,
E entrei, apalpando a treva,
No cemiterio da aldeia :
Da que foi minha sereia
Nos mares da phantasia
Busquéi a mansão sombria,
Que me foi dado encontrar ;
E á bocca, para a beijar,
Encostei á camp'a fria.

N'este momento funereo
Curvei o joelho frouxo,
Ao som do piar que o mocho
Espalhou no cemiterio :
N'este logar de mysterio
Terrorisado tremi ;
A camp'a abracei, e alli,
Rijo batendo-me o pulso,
Com um som de voz convulso
Perguntei:—estás ahi ?

O silencio foi completo,
Que era da morte á mudez ;
Piou o mocho outra vez
Sobre a fria camp'a erecto.
Recordei que antigo affecto
Nunca mais teria eu...
Porém, pondo o ouvido meu
Sobre a pedra da jazida,
Vagorosa e mui sumida
Uma voz me respondeu.

— Veiu breve o fatal corte
Que não poupa humana vida...
E, pelos vermes roída,
Aqui stou por lei da sorte !
Mas ha socego na morte,
Não entra a vaidade aqui...
A maldade nunca a vi
Do sepulchro erguer a tampa...
Pra nos amarmos na camp'a
Eu cá espero por ti !

Cantador d'estes assumptos,
Que pedem pranto sem minguar...
Isto foi quando os defunctos
Não tinham papas na lingua !

VENANCIO.



Ourivesaria e Relojoaria
com officina annexa
de fabrico e
reparacao
de relógios
JOIAS
COM
bábulas
PREÇOS
Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

A mortalha

Um dia, quando eu for, desconsolado
das misérias do mundo, á escutidão
em que meu corpo seja transformado
na rocha dura, no ether da amplidão.

Eu quero que meu corpo seja dado
A um rio que me sirva de caixão,
E n'esse leito eterno mas gelado
Me embulhem n'um artistico gabão.

D'esse gabão que os outros atrapalha
Farei a minha olympica mortalha
Mais pura do que a cor do branco ceu

Porque não ha por esse mundo inteiro
Coisa melhor do que um Gabão d'Aveiro
Mesmo para servir de mausoléu.

Eduardo Rodrigues de Carvalho.

Gabões de Aveiro de 3\$800 a 25\$000
Sobretudo da moda de 6\$000 a 25\$000
Gabões para senhoras e meninas de 4\$500
a 45\$000 réis.

CASA DAS TESOURAS

51--R. da Escola Polytechnica--55



Peco a V. Ex.ª a fineza de não
comprar chapéus sem primei-
ro visitar este estabelecimento



SAO MOARTI
MONIZ JONSSA
PIANOS
ORGÃOS
Instrumentos Musicos
RUA IVENS 52 54
LISBOA

Companhia Portuguesa de Phosphoros

Sociedade anonyma de responsabilidade
limitada

Capital Rs. 4.500.000\$000

Fornecimento de materias primas
e outros artigos

O CONSELHO de administração d'esta
Companhia recebe propostas em carta fe-
chada até ao dia 29 de novembro inclusive
para o fornecimento de:

- 3.000 kilogrammas de alumen de soda.
 - 1.500 kilogrammas de bichromato de po-
tassa em pó impalpavel.
 - 1.000 kilogrammas de carollo.
 - 5.000 kilogrammas de cartão palha.
 - 12.000 kilogrammas de cartolina bicolor
— Branco e rosa.
 - 40.000 kilogrammas de chlorato de po-
tassa.
 - 1.000 kilogrammas de cartão branco.
 - 300 metros cubicos de choupo verde em
toros — nacional.
 - 2.200 metros cubicos de choupo verde
em toros — da Russia.
 - 1.200 kilogrammas de dextrina amarella.
 - 2.000 kilogrammas de desperdícios.
 - 200 kilogrammas de elasticos.
 - 100.000 kilogrammas de estearina.
 - 30.000 kilogrammas de tarinina (para Lis-
boa).
 - 10.000 kilogrammas de gomma Damar Ba-
tavia em crystaes de 2.ª qualidade.
 - 15.000 kilogrammas de grude de 1.ª quali-
dade.
 - 3.000 kilogrammas de grude de 2.ª quali-
dade.
 - 10.000 duzias de madeira de ferro de pi-
nho para caixotes, sendo 6.000 duzias para
Lisboa e 4.000 duzias para o Porto.
 - 3.000 kilogrammas de oxido de zinco.
 - 20.000 kilogrammas de parafina em rama.
 - 1.000 kilogrammas de phosphoro amor-
pho.
 - 4.000 kilogrammas de phosphoro branco.
 - 6.000 kilogrammas de peroxido de man-
ganez.
 - 20.000 kilogrammas de papel de embru-
lho.
 - 2.000 kilogrammas de papel affiche azul.
 - 6.000 kilogrammas de papel affiche ama-
rello.
 - 80 resmas de papel couché liso.
 - 45.000 kilogrammas de papel azul em ro-
los.
 - 1.000 resmas de papel branco de impres-
são.
 - 500 metros cubicos de pinho verde em to-
ros (Porto).
 - 6.000 kilogrammas de pregos de diversas
dimensões.
 - 18.000 kilogrammas de resina branca de
1.ª qualidade.
 - 15.000 kilogrammas de sulfato de calcio.
 - 5.000 kilogrammas de sulfureto de ani-
monio.
 - 4.000 kilogrammas de tete-morte-rouge.
 - 6.000 kilogrammas de Talco.
 - 36.000 kilogrammas de trama, sendo
16.000 kilogrammas para Lisboa e 20.000
kilogrammas para o Porto.
 - 15.000 kilogrammas de vidro impalpavel.
 - 15.000 kilogrammas de vidro granitado.
- Todos estes artigos deverão ser de 1.ª qua-
lidade e eguaes ás amostras patentes no es-
criptorio da Companhia, rua de S. Julião,
159, todos os dias uteis desde as 11 da ma-
nhã ás 3 horas da tarde. As demais condi-
ções estão egualmente patentes na sede da
Companhia.
- As propostas devem ser endereçadas ao
administrador delegado, em carta lacrada,
com a indicação exterior. Proposta para o
fornecimento de materias primas e serão
abertas no dia 30 de novembro, ás duas ho-

ras da tarde, perante o conselho de admi-
nistração com a assistência dos interessados
que quizerem comparecer a este acto.

O conselho de administração reserva-se o
direito de não fazer a adjudicação no todo
ou em parte, caso assim o entenda.

Lisboa, 25 de outubro de 1904.

Companhia Portuguesa de Phosphoros
Pelo Conselho de Administração
O Administrador Delegado

(a) J. W. H. Black



ORTHOPÉDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS
eapparellhos orthopedicos

DE MANUEL MARTINS

FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS

DE SAUDE, DE BENEFICENCIA,

ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.

154, Rua da Magdalena, 154-A

(ANTIGA Calçada do Caldas

Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa

CASA PORTUGUEZA

Papelaria e typographia

José Nunes dos Santos

Sucessor de MANUEL DA SILVA

No telephonico 220—Endereço telegraphico Papetttypo

PAPELARIA

Grande sortimento de pa-
peis nacionaes e estrangei-
ros, objectos para desenho
e todos os artigos precisos
nas escolas.

Trabalhos typographicos
em todos os generos.

Impressões a cores, ou-
ro, prata e sobre setim.

Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141

Officina typographica: R. das Gaveas, 69

LISBOA

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

Reparem!

(Continuação)

ficando conforme a queda, bastante
magoado no corpo braços e pernas.

«Como me disseram que estas ton-
turas provinham do estado em que eu
tinha o estomago, o que acreditava
porque realmente, a digestão fazia-se
mal, acontecendo muitas vezes vo-
mitar e nie garantissem que o depu-
rativo dos Srs. Amados era excellen-
te não só para esta horrivel e imper-
tinentemente doença como tambem para a
syphilitica, da qual era uma victima,
passando noites de ver

(Continua.)



Taboletas
Em todos os generos
Francisco Santos
R. Gremio Lusitano
24, 43

No ministerio dos estrangeiros

PREPARATIVOS DE VIAGEM



—Que tal me achas assim? ó da gaita de Vanadio?
—Oh! Brummel não se vestia melhor!...